

RETRATAÇÃO

RETRATAÇÃO: Karl Marx, um cidadão do mundo

A Equipe Editorial da Revista Katálysis comunica a publicação formal de Retratação para extração do artigo:

BRAGA, Alexandre. Karl Marx, um cidadão do mundo. *Rev. Katálysis*. 2024, v 27, e98143. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2024.e98143>

Após a publicação pela Revista Katálysis, encontrou-se a mesma publicação em outra revista, realizada de forma quase simultânea, conforme dados abaixo.

BRAGA, Alexandre Francisco. Karl Marx, um cidadão do mundo. Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1–12, 2024. DOI: 10.35699/2525-8036.2024.51039. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revice/article/view/e51039>.

A Revista Katálysis tem como diretriz em sua Política Editorial a publicação de artigos originais, que não tenham sido submetidos ou não estejam em processo de avaliação em outro periódico, o que não foi informado pelo autor. Justifica-se assim a retratação total e informa-se que a publicação já foi retirada da página da Rev. Katálysis no Portal de Periódicos da UFSC.

Profa. Mailiz Garibotti Lusa
Editora-Chefe



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RESENHA

[RETRATADO] Karl Marx, um cidadão do mundo

Alexandre Braga¹<https://orcid.org/0000-0002-5483-9499>¹Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Direito, Belo Horizonte, MG, Brasil.**RESENHA: O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881–1883)**MUSTO, M. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881–1883)*. São Paulo: Boitempo, 2018. 158 p.**REVIEW: The old Marx: a biography of his last years (1881–1883)**MUSTO, M. *The old Marx: a biography of his last years (1881–1883)*. São Paulo: Boitempo, 2018. 158 p.

Recebido em 12.01.2024. Aprovado em 17.04.2024. Revisado em 26.06.2024. Retratado em: 06.01.2025.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Marcello Musto é um jovem intelectual italiano que vem se destacando pelas recentes pesquisas sobre os últimos períodos de vida do pensador alemão Karl Marx (1818–1883). Musto, que é também professor de Sociologia na York University (Toronto, Canadá), já publicou *Another Marx: Early Manuscripts of the International* (Bloomsbury, 2018) e *Karl Marx: biografia intelectual e política* (Einaudi, 2019). Trazou obras como *Karl Marx's Grundrisse* (Routledge, 2008); *Marx for Today* (Routledge, 2011); *Trabalhadores, uni-vos! Antologia política da I Internacional* (Boitempo, 2014); *Marx's Capital after 150 Years* (Routledge, 2019); *The Marx Revival* (Cambridge University Press, 2020); *Karl Marx's Writings on Internationalism* (Palgrave, 2021); *Rethinking Alternatives with Marx* (Palgrave, 2021); e *Marx and Le Capital* (Routledge, 2022). Ou seja, ao longo da década de 2000, o autor vem realizando uma profícua incursão no projeto marxiano, ora para realizar uma descoberta de um Karl Marx quase desconhecido do grande público, ora para redescobrir pontos e análises conceituais que só agora tiveram a devida correção no itinerário que Marx tinha em mente ao dar início à sua crítica da sociedade civil burguesa.

Nessa seara, Marcello Musto realizou uma tarefa impecável, pois suas publicações vão ajudar em muito na compreensão daquilo que Marx tinha como propósito analítico e como projeto político, a emancipação da classe trabalhadora. O livro de Marcello Musto — *O velho Marx: uma biografia dos últimos anos (1881–1883)* —, em suas 158 páginas, contribui e contribuirá, sobremaneira, nessa seara, principalmente porque, após a dissolução da União Soviética, no ano de 1989, uma onda negacionista tomou conta dos debates políticos mundo afora, resultando num esquecimento quase que natural da crise do marxismo, que por pouco não jogou por terra essa proposta de emancipação elaborada por Karl Marx, Friedrich Engels, Rosa Luxemburgo e toda uma geração de lutadores e lutadoras do povo em prol da classe do proletariado, nos últimos 200 anos. Desse ponto de vista, ficou um vácuo de ideias progressistas, e para dificultar, surgiram pregações que anunciam o fim do Socialismo como decante e a vitória final da formação capitalista, como se a História fosse uma “planiilha” que não pudesse ser alterada pelo curso do desenvolvimento social, na sociedade, nas universidades e na militância de esquerda. Portanto, a escrita de Marcello Musto e diversas outras publicações que começam a circular nos meios acadêmicos, de 2018, reparam a discussão do projeto socialista e repõem o Marxismo no centro dos debates, seja no próprio ambiente universitário, seja nas redes sociais, ainda que o novo cenário apresente um contexto de evolução conservadeira e reacionária.

Em seu livro, Musto traz quatro pontos imensuráveis para entendermos os últimos anos de vida de Karl Marx, entre os anos de 1881 e 1883: 1) O mundo da existência e os novos horizontes de pesquisa; 2) A controvérsia sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia; 3) Os tormentos do “Velho Nick”; e 4) A última viagem do Mouro. Ao longo dos capítulos, o leitor se deparará com um Karl Marx não só inédito, mas diferente daquilo que sempre se soube por meio dos escritos densos sobre economia política, temas internacionais e das agitações revolucionárias que abalaram o mundo de sua época. Aliás, nessa fase de maturidade, Marx se aventurou em temas como a matemática, a questão ecológica, temas americanos, botânica e os assuntos mais densos da luta que estava acontecendo em países como Índia, Egito e Argélia. Dessa forma, nesse ciclo antes de seu passamento, Marx era “o custo de um autor eurocêntrico, economicista e absorvido exclusivamente pela luta de classes”, como afirma Musto (2018, p. 11).

O gabinete da Rua Maitland Park Road

Musto já se deixa a obra trazendo à tona fatos da intimidade pessoal de Karl Marx de pouco acesso de seus próprios amigos, inclusive dos círculos mais próximos de Marx, como a imersão do filósofo alemão em temas fora do eixo econômico-filosófico, como a preocupação de Marx com os assim chamados “temas americanos” e a elaboração dos cadernos sobre matemática, os estudos de fisiologia, de geologia, de agronomia, de química e física. Fazendo-se, seja, uma série de temas multidisciplinares, boa parte deles localizados no escritório de uma casa arrendada na Rua Maitland Park Road, situada na região periférica de Londres, onde era sua residência e da família Marx. Lá, moravam o Mouro¹, sua esposa Jenny (1814–1881), as filhas Eleanor (1855–1898) e Helena (1857–1890) e sua governanta de mais de 40 anos de convívio com o casal.

A casa da Rua Maitland Park Road, número 41, era o refúgio para Karl Marx guardar seus mais de 2 mil volumes de livros, sobretudo acerca de Ciência Política, História alemã e Literatura francesa, italiana, alemã e, desde 1869, sobre a Literatura russa que Marx começou a estudar para melhor compreender o processo

revolucionário russo. Nessa biblioteca, havia uma infinidade de autores como Shakespeare, Dickens, Voltaire, Racine, Montaigne, Bacon, Goethe, Voltaire, entre outras produções literárias. Além de ser um ponto principal das visitas dos colaboradores, ativistas e líderes políticos dos mais diferentes locais do planeta, serviu, ainda, como centro de troca de correspondências internacionais entre os militantes socialistas, tanto que a caixa-postal da residência vivia abarrotada de cartas, de acordo com Musto (2018, p. 21). Prova disso é que o próprio Friedrich Engels (1820–1895) se mudou para a vizinhança próxima à casa de Marx — Rua Margaret' Park Road, número 122, a poucos metros de distância.

Além do mais, o local era estratégico para a formação política da militância socialista, porque lá estavam guardadas publicações, documentos e resoluções mais importantes da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), uma cópia de *A Sagrada Família*, escrita em coautoria entre Engels, em 1845, da *Miséria da Filosofia*, também pelos dois amigos e obras cruciais para o que viria a ser conhecido depois como marxismo, como os livros *Manifesto do Partido Comunista* (1848), o *Brumário de Luís Bonaparte* (1852), e o próprio *O Capital*, de 1867, sua obra-prima. No sótão da casa havia, ainda, sinopses e manuscritos inacabados, destinados à “crítica roedora dos ratos”², cuja volumosidade situava-se perto de um divã de couro, onde Marx costumava descansar após horas de estudos em cima de mazelas, às vezes em língua original.

Conforme Marcello Musto, no ano de 1881, Karl deu início aos estudos sobre Antropologia, indo estudar o livro *A sociedade Antiga* (1877), do antropólogo norte-americano Lewis Morgan (1818–1881), e resultando numa série de enxertos conhecidos como *Cadernos Etnológicos*. Essas anotações dispersas tratavam da colônia de Java na Indonésia, escrita por James Money (1818–1890), da aldeia ariana na Índia, de autoria de John Phear (1825–1905) e sobre história antiga das instituições, do historiador Enry Maine (1822–1888). Os *Cadernos Etnológicos*, de pouco mais de 100 folhas, não foram escritos por Marx, mas, posteriormente editados e lançados por Lawrence Krader (1919–1998) no capítulo de *Cadernos Etnológicos de Karl Marx* (Musto, 2018, p. 31). Nos *Cadernos Etnológicos*, é possível encontrar outras anotações sobre a pré-história, o desenvolvimento dos vínculos familiares, as condições das mulheres, a origem das relações de propriedade, a formação da natureza e questões como as condições raciais de alguns antropólogos da época e os efeitos do Colonialismo. Sobre isso Marx pensava:

a família moderna em germe não comeu de *habeitus* (a escravidão), mas também a servidão da gleba; desde o princípio, ela pôs suas relações de serviço da agricultura. Possui em miniatura todos os antagonismos que, mais tarde, se desenvolverão em sua sociedade e em seu Estado [...] na origem, era constituída diretamente de escravos (Morgan *apud* Musto, 2018, p. 34).

Com isso, a palavra “família” nesse seu germe, tem a ver com *famulus* (escravo, criado), e sem nenhuma relação com a criação de filhos pelo casais casados, mas, sim, com o conjunto de escravizados que são forçados a trabalhar para o patrão, regidos pelo princípio do *pater famílias*. Isso é, foi a escravidão que esteve na orientação do princípio organizador da família, com seus antagonismos. Nesse aspecto, conforme Marcelo Musto, Marx dedicou especial atenção às condições das mulheres. Segundo a revisitação historiográfica que está sendo feita desde 2008 da posição marxista sobre o tema, Marx observou que as sociedades antigas tinham melhor tratamento com as mulheres. O fato de dados elencados por Lewis Morgan, a mudança da descendência da linhagem materna para a paterna foi prejudicial para o sexo feminino, entre os gregos, o que diminuiu o direito das esposas e mulheres, cujo modelo foi avaliado por Morgan como negativo. Na cultura grega da época a mulher passou a ser inferior, a “deusa da sabedoria saiu da cabeça de Zeus”³, como lembrou Marx.

Noutra ponta do debate histórico, Musto reforça em seu “*O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881–1885)*” a rejeição da ideia de que as mudanças sociais ocorreriam unicamente devido às transformações econômicas, uma vez que Karl Marx defendia, na verdade, a especificidade de cada condição histórica, com suas próprias possibilidades e a centralidade da ação humana para realizar as transformações, com clara condena ao avanço espontâneo do processo histórico. Principalmente porque, como acreditavam seus seguidores, menos atentos, que a última fase burguesa se seguiria para o fim do capitalismo, automaticamente a seguir, e pelo Socialismo, o que resultou num surto fatalista e de passividade que blocou o movimento operário, que negligenciava as próprias reflexões de Marx contrárias a essa interpretação. De acordo com Musto (2018, p. 37), “jamais desejou um retorno ao passado, mas — como acrescentou na transcrição do livro de Morgan — vislumbrou um tipo de sociedade superior”. Isso porque, tanto como condenação do

determinismo econômico como ponto de vista de que as contradições da civilização não eram estáticas e nem passivas, mas eram projetos realizados pelo esforço humano diante da necessidade de preservar a vida, não pela evolução mecânica da sociedade. Ou falando de outra forma, pela ação consciente da classe trabalhadora (Musto, 2018, p. 37).

A questão da comuna agrária russa

Outro ponto de especial atenção aos leitores e leitoras do livro de Marcello Musto é a posição marxiana sobre a Rússia, que até então Marx considerava como o grande obstáculo à emancipação da classe trabalhadora, melhor dizendo: através de volumosas cartas e em artigos de grande repercussão internacional publicados no jornal *New-York Tribune* e na *História Diplomática Secreta do Século XVIII (1856–1860)*, Marx considerava que o atraso das condições sociais, a lentidão do desenvolvimento econômico do país, o regime czarista de caráter despótico e a política externa conservadora levaram a uma postura contrarrevolucionária na Rússia. Porém, em sua fase de maturidade, e já tendo consolidada sua irretocável correira como líder revolucionário e como agitador das massas proletárias, Karl Marx reviu boa parte dessa opinião, na medida em que algumas transformações ocorridas nas condições sociais russas proporcionaram uma miravolta e uma mudança de rota, que agora poderiam viabilizar uma revolução mais intensa que a servidão na Inglaterra, por exemplo, uma vez que apesar de ser o berço do capitalismo e ter um maior contingente de operários fabris, o proletariado inglês havia perdido força por causa das algumas melhorias de suas condições de vida, como a redução da jornada de trabalho e o consequente reformismo dos sindicatos (Musto, 2018, p. 59).

Karl Marx acompanhava a situação russa desde 1850, já saudando as revoltas campesinas que resultaram a abolição da servidão, em 1861, seja através de estudos e pesquisas estatísticas dos problemas locais, ou por meio do início do aprendizado da língua russa, o que o ajudou a melhor compreender esse cenário interno. A partir de 1881, as formas arcaicas de organização comunitária da Rússia levaram Marx a aprofundar os estudos e a troca de correspondências com militantes russos, como aquelas enviadas a militante do “Repartição Negra”, Vera Zasulitch (1849–1919), que numa destinada a Karl Marx em 16 de fevereiro de 1881, resumiu quais eram os pontos centrais das discussões:

A comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos à nobreza e da administração arbitrária, é capaz de desenvolver-se para a sociedade socialista, que dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e sua distribuição de produtos em bases coletivas. Nesse caso, os socialistas revolucionários devem envidar todos os esforços em prol da liberação da comuna e de seu desenvolvimento (Zasulitch *apud* 2018, p. 61).

Nessa carta enviada a Karl Marx, Vera Zasulitch fazia uma consulta ao pensador alemão de como circulavam nos meios revolucionários entre os ativistas a opinião de que a comuna rural era um atraso condenado à morte, e boa parte deles atribuía ao próprio Marx a origem dessa opinião. Contrariamente, Zasulitch pensava que os revolucionários deviam dar todo apoio a essa comuna agrária de especificidade russa. O apelo da militante russa era para que Marx pudesse esclarecer tal dúvida, já que ele estava familiarizado com as relações comunitárias da época pré-capitalista. Em sua resposta, Marx relembrara que sua reflexão sobre o percurso seguido pela ordem econômica capitalista para sair do ventre da ordem econômica feudal era apenas uma referência à situação aplicada somente ao Velho Continente, diga-se Europa Ocidental, e que não servia para descrever outras situações em outras regiões do planeta, tendo em vista que seria necessário estudar separadamente cada um dos fenômenos e só depois confrontá-los. Resumindo: não havia a possibilidade de usar uma teoria histórico-filosófica geral para ser aplicada em casos diversos e diferentes (Musto, 2018, p. 74–78).

Ainda nessa carta de resposta a Vera Zasulitch, Marx deixou clara sua posição sobre a possibilidade de a *obschina* ser o caminho de uma futura sociedade socialista, na perspectiva de que a Rússia não podia percorrer servilmente todos os caminhos trilhados pela Inglaterra, portanto, não precisaria passar pelo capitalismo, isto é, por meio da lógica capitalista do trabalho coletivo e cooperativo realizado em larga escala e incorporando as características positivas do sistema capitalista, mas substituindo-as gradualmente a agricultura parcelária pela agricultura combinada com o auxílio das máquinas e dos avanços tecnológicos, preservando, no entanto, seu caráter comunitário através de uma revolução russa para garantir o livre crescimento da comuna rural, ou como Marx enfatizou “trocar de pele sem precisar antes cometer suicídio” (Marx, 2013, p. 111).

1881, Karl Marx se torna “cidadão do mundo”

Na visão de Musto, ainda no ano de 1881, Karl Marx, apesar da profícua produção literária, sociológica, ainda não era um teórico de referência internacional indubitável. Isso só veio a acontecer no século XX, e, no início do XX após as repercussões das resoluções adotadas pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e pelo impacto provocado pela eclosão da Comuna de Paris, em 1871. A notoriedade como mentor político veio em seguida à publicação de *O Capital*, reimpresso na Alemanha em 1873, o que, juntamente ao conjunto de fatos que contribuíram para a expansão do pensamento marxiano e da consolidação da figura de Karl Marx como o grande expoente do movimento operário internacional, como a participação na construção de programas partidários e na redação de teses de cunho político, ou como Musto (2018, p. 88) registrou: “[...] em seus últimos anos Marx foi testemunha de um interesse cada vez maior, em muitos países europeus, por suas teorias — especialmente as contidas em seu *magnum opus*”⁵⁵. A título de exemplo, registramos a influência de Karl Marx na redação do programa do Partido Social-Democrata dos Trabalhadores da Alemanha (SDAP), em 1875, na Federação do Partido dos Trabalhadores Socialistas da França (FPTSF), entre outras produções de ordem prática e nas quais sempre eram destacadas que a revolução não era uma luta subversiva simples do sistema, mas um processo longo e complexo (Musto, 2018, p. 94).

Se na esfera internacional Marx viu seus textos serem valorizados, enquanto fonte de análises para deliberações filosóficas e políticas, no plano pessoal as coisas não davam tão bem assim. Isto porque nas primeiras semanas de junho de 1881, sua esposa, Jenny von Westphalen, teve as condições de saúde pioradas por causa de um tratamento de câncer no fígado, obrigando Marx a tornar seu mais íntimo enfermeiro e o casal indo morar em Eastbourne, próxima ao canal da Mancha. Nessa cidade francesa, a família Marx mudou-se com os netos, sua filha Jenny Longue e seus dois pets, na esperança de que os ares do litoral pudessem ajudar na recuperação da esposa Jenny, cujas despesas de hospedagem e do tratamento de saúde foram pagas por Friedrich Engels. Entre os familiares, Karl Marx era conhecido de velho Nick (que na gíria inglesa significava “velho diabo”); e em muitas de suas cartas-pessoais Marx se assinava como Old Nick, divertindo-se com a apologia de tal figura, apesar das dívidas e do momento doloroso e de sofrimento de Jenny Westphalen. A essa fase, o Mouro a declarou como “aquele que na família, neste momento, só infortúnios” (Marx *apud* Musto, 2018, p. 101).

E os infortúnios desabafados por Marx não cessariam tão cedo. Em 16 de agosto, sua filha Eleanor cai em depressão devido a um suposto noivado mal sucedido, em outubro foi o próprio Marx que teve a saúde abalada, agora por uma forte bronquite, com risco de resultar em pneumonia, o que levou Marx a permanecer acamado por 12 dias, e no dia 2 de outubro de 1881, aos 68 anos, falece sua esposa Jenny von Westphalen. Essa morte, nas palavras do Old Nick, lhe tirava de seu “maior tesouro” (Marx *apud* Musto, 2018, p. 101). A cronologia de dissabores levou Marx para um estado de convalescência e de um drama de acontecimentos familiares entrecedor, entre 1881 e 1882. Contudo, nesse curto período, Marx consegue tempo para se dedicar aos estudos sobre o desenvolvimento do Estado Moderno (século XV), especialmente consultando obras que resultaram nas *Notas Sobre a História Indiana*, de 1879, inspiradas no livro *História Analítica da Índia*, de Robert Sewell (1845–1925); *História dos Povos da Itália*, do historiador Carlo Botta (1766–1837) e *História do Povo Alemão*, escrito por Friedrich Schlosser (1776–1861), totalizando 143 páginas sobre história. Todavia, a instabilidade de seu quadro de saúde interrompeu suas anotações sobre demais temas históricos da época, sob o risco de uma nova recaída na debilidade de saúde. Retrato disso é que em 1882 Marx foi obrigado a usar um respirador artificial, o qual os jornais alemães já tinham anunciado sua morte (Musto, 2018, p. 105–107).

Os dias áficas de Karl Marx

Os 72 dias em que Karl Marx permaneceu em estadia no continente africano representam as últimas viagens do Mouro na procura para a cura de suas chagas. Obviamente, para o porte de um homem que estava em pleno exercício das funções cognitivas e teóricas, a conciliação entre o rigoroso tratamento médico a expedição de análises políticas não deixou de ser realizada, a partir da chegada do líder alemão à África, no dia 26 de fevereiro de 1882, após longas 34 horas de viagens até Argel, capital da Argélia. Marx foi ao continente africano à procura de soluções mais concretas para suas doenças, especialmente por tratamento

mais eficaz contra a bronquite, a tosse ininterrupta e uma série de catarros que não lhe davam sossego, sendo prontamente atendido pelo juiz Albet Fermé, destacado militante socialista e único que conhecia a história e a trajetória do paciente. Infelizmente, por infortúnio do destino, a época escolhida para as sessões de terapia foi de intensos períodos chuvosos e de frio, com o pior inverno que a cidade já tinha vivido. O médico Karl Marx, Charles Stéphann (1840–1906) receitou, então, cuidados à base de xarope e de psicofármacos, visando diminuir as dores de grande intensidade, e os mais intensos deles, reduzir drasticamente os estímulos físicos, que significava para Marx abandonar qualquer trabalho de ordem intelectual, inclusive o de se ocupar com os problemas de ordem mundial. Na enfermaria, foi submetido à aplicação de medicamentos para estancar as dores, a proliferação de bolhas na região do tórax e para conter a insônia, além de ser usado para paralisar as feridas nas costas, na qual Marx se queixou reclamando: “para uma mente sã num corpo sano, ainda havia muito para fazer”⁶, numa alusão aos poucos resultados do longo e doloroso tratamento (Musto, 2018, p. 111–113).

A última viagem do Mouro e única na região africana o impediu de fazer as correções da terceira edição alemão d'*O Capital*, de analisar a conjuntura política da época e de tecer comentários críticos sobre a propriedade comunal árabe, bem como de falar sobre a realidade argelina, pois fora realizada praticamente para se dedicar ao tratamento médico e da cura para suas dores. Haja vista que em 22 de fevereiro de 1882 o jornal *L'Akkbar* publicou uma matéria relatando as injustiças do sistema de colonização agrária pelos colonizadores franceses, e uma vez que qualquer cidadão francês podia adquirir uma concessão de mais de 100 hectares de terras argelinas e depois podia revendê-las ao preço de 40 mil francos a qualquer pessoa argelina, isso sem precisar deixar a França. Com todos os esforços para se concentrar nas apresentações médicas de total reclusão, Marx não deixou de observar da sacada do hotel em que estava se hospedando a medicação que próximo ao local havia grupos de trabalhadores construindo casas, a casar de sadios, depois de três dias de trabalho, já apresentavam quadro de febre, e que parte do salário que devia pagar despesas de medicamentos fornecidos pelos empreiteiros.

Marx resumiu essas observações sobre a realidade árabe-argelina em 16 cartas redigidas às margens do Mar Mediterrâneo, com destaque para a visão colonial crítica marxiana e sobre as relações sociais na cultura muçulmana. Um aspecto, nesse conjunto de cartas, que se destaca é a postura natural, elegante e digna do povo argelino, de vestimenta quase opulenta em contraste com a realidade europeia, principalmente a francesa, a qual registrou:

[...] a riqueza e pobreza não tornam os filhos de Maomé uns diferentes dos outros. A absoluta igualdade em suas relações sociais não é influenciada por elas. Pelo contrário, são notadas apenas pelos desonestos. Não que se refere ao ódio que os cristãos e à esperança numa vitória definitiva sobre os infiéis, seus políticos consideram, com razão, que o sentimento e a prática de absoluta igualdade (não de riqueza e renda, mas da pessoa) são garantia para manter vivo o ódio e não abandonar a esperança. Ambos, no entanto, sem um movimento revolucionário, caminham para a ruína (Marx *apud* Musto, 2018, p. 117).

Por meio desse trecho da carta enviada à sua filha Laura Lafargue, em 13 de abril de 1882, Marx registra seus encantos e como ficou encaravado, tanto com as relações sociais argelinas e da noção de igualdade crônica, porém ressaltou a necessidade desse sentimento de igualdade ser permeada por um movimento de inspiração revolucionária que desse cabo a toda forma de opressão, destacadamente a colonial. Marx não deixou de perceber que na cultura muçulmana não havia a subordinação, a autoridade pregada pela cultura ocidental. Principalmente, aquela oriunda das torturas contra os árabes e da brutalidade policial empregada pela autoridade colonial francesa. Finalmente, ficou com o que viu, ficou mais lisonjeado, ainda, com os resultados do tratamento que finalmente deram certo, e Karl Marx pode finalmente retornar à França, agora surpreendendo a todos, sem as longas madeixas e sem a barbas longa que o imortalizara.

As cartas de “Último Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881–1883)” é um livro que merece e precisa ser lido, pois possibilita redescobrir Karl Marx como homem, cidadão preocupado com o mundo e como uma pessoa comum que elabora e pensa os problemas sociais. Entretanto, merece uma discussão o desacordo com o título original da edição brasileira da Boitempo, pois no original a obra foi publicada em italiano com o título “Último Marx (1881–1883). Saggio di biografia intellettuale”. “Último Marx” atenderia melhor as exigências da luta contra o etarismo, a categoria velho, além de pejorativa para vários usos, carrega toda uma conotação de coisa que está em idade avançada, antiquada e em desuso, portanto, nada mais distante

daquilo que o pensamento de Karl Marx se tornou, ao longo dos anos, e porque está confrontando a ideia de uma sociedade nova, que é a grande contribuição do arcabouço marxiano para a humanidade, principalmente quando se leva em consideração que o etarismo embutido na categoria “velho” traz uma noção de coisas em declínio nas sociedades classistas e, dessa forma, que pode ser descartada após cumprir determinados papéis no seio da exploração do trabalho social. Se a tradução fosse para “Último Marx”, traria com ela toda uma carga de atualizações e redescobertas que estão sendo feitas pelas novas gerações, assim como o universo categorial marxiano, agora, ganharia um novo ciclo de leituras e perquisições que colocariam possibilidades socialista na ordem do dia. E não possui nada de velho, ao contrário.

REFERÊNCIAS

- MARX, KARL. *O Capital: crítica da economia política: Livro III: o processo global da exploração capitalista*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017. 980 p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *As lutas de classes na França*. Tradução de Nélia S. S. S. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels).
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1863-1883)*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018. 158 p.

Notas:

- ¹ Alusão à pele escura de Karl Marx que virou um apelido íntimo.
- ² Marx assim se expressou como porque estavam esquecidos em uma gaveta ou porque estavam proibidos de circular.
- ³ A deusa grega Atena era uma divindade no panteão grego, considerada a deusa da sabedoria, das habilidades e dos ofícios, da guerra. Ela ficou marcada por ter nascido ao sair da cabeça do seu pai, Zeus.
- ⁴ Conforme o Dicionário do Pensamento Marxista, o zembla era um tipo de comunha russa, uma antiga comunidade de camponeses russos na qual a terra era de propriedade inalienável da comunidade e periodicamente redistribuída em lotes às famílias pertencentes a ela, em geral de acordo com o número de adultos e de sexo masculino existentes em cada família. (Cf. Bottomore, Tom, 1988).
- ⁵ Musto refere-se ao “O Capital”.
- ⁶ Conforme confessou em carta enviada a Engels em 28 de março de 1882.

Alexandre Braga

bragafilosofia@yahoo.com.br

Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES.

UFMG

Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
Belo Horizonte - MG
CEP: 31270-901

Agradecimentos

Não se aplica.

Agência financeira

Não se aplica.

Contribuições do autor

O autor é responsável por todas as etapas da elaboração do manuscrito.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação

Não se aplica.

Consentimento para publicação

O autor consente a publicação do presente manuscrito.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Editores Responsáveis

Michelly Laurita Wiese – Editora-chefe
Heloísa Teles – Comissão Editorial